

## MILAGRES DE JESUS: MITOS OU REALIDADE?

Pr. Dalton S. Lima

Documentários sobre a vida de Jesus procuram apresenta-lo como um curandeiro entre muitos outros curandeiros de sua época. Alguns eruditos postulam que os milagres de Jesus relatados nos evangelhos teriam sido produto da elaboração da tradição cristã em curso no segundo século, e posteriormente introduzidos nos relatos originais da vida de Cristo para reforçar determinadas crenças a seu respeito. Rudolph Bultman, teólogo da primeira metade do século XX, propôs o conceito da demitologização para ser considerado na interpretação bíblica. Segundo ele, o que importa não é a veracidade do fato narrado na Bíblia, mas o conceito doutrinário ou moral por ele exarado <sup>1</sup>.

Biblicamente, é impossível separar a veracidade dos milagres de Cristo de seu caráter divino e de sua missão redentora, pois os profetas anunciaram que o Messias prometido realizaria tais sinais, e o apóstolo João afirmou que Jesus os cumpriu para que crêssemos nele (Isaias 35:2-6, João 20:30-31). Nós, evangélicos teologicamente conservadores, cremos na inerrância da Bíblia, e, portanto, na veracidade dos milagres de Jesus. Que evidências temos a respeito disto?

### 1. A REALIDADE DE DEUS

Não é nosso objetivo deter-nos nas evidências da realidade de Deus. Trata-se de uma verdade axiomática, isto é, que se sustenta por si mesma. A grande dificuldade não está em provar a realidade de Deus, mas em tentar negá-la. Basta observar toda a complexidade da criação para render-se à evidência do Criador eterno. Também o senso moral do ser humano aponta para a realidade de Deus. Nenhum filósofo ou cientista ateu consegue explicar satisfatoriamente porque o homem é um ser moral. A Bíblia explica isto ao afirmar que fomos criados por Deus à sua imagem e semelhança (Gênesis 1:26-27).

Aceitar a realidade de Deus implica, inexoravelmente, em aceitar também as realidades de seu caráter perfeito e de seu poder infinito. Assim, quem crê no Deus criador crê também que ele pode, conforme seus perfeitos propósitos, intervir nas leis da natureza, momentaneamente mudando-as ou suspendendo-as.

Sendo Deus perfeito em justiça e amor, ele intervém na história do homem. Sua maior intervenção foi sua encarnação. Na pessoa de Jesus Cristo, Deus se fez homem para satisfazer sua perfeita justiça e revelar-nos seu infinito amor.

---

<sup>1</sup> MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século vinte**. Tradução José Fernandes. São Paulo: Edições Paulinas, 1980. Volume 2 – Os teólogos protestantes e ortodoxos. pg 130 – 134

## 2. O IMPACTO DE CRISTO NA HISTÓRIA

Se Jesus fosse realmente mais um entre muitos curandeiros, porque causou impacto tão profundo e duradouro na história? A resposta é óbvia: muito mais que um curandeiro, de fato havia características extraordinárias e inigualáveis em Jesus. Seus atos e palavras demonstraram a perfeição do caráter de Deus. Suas curas e milagres foram verdadeiros e muito superiores aos de qualquer pretensão milagreiro, manifestando o poder de Deus. Segundo a Bíblia, os milagres de Jesus eram sinais que objetivavam atestar sua natureza divina como o Salvador prometido pelos profetas. Neste sentido, o maior sinal apresentado por Jesus foi a sua ressurreição.

Os ensinamentos de Jesus, seus milagres, e, acima de tudo, sua morte e ressurreição causaram tamanho impacto na história que não podemos duvidar. Nenhum mestre religioso ou milagreiro dividiu a história da humanidade em antes e depois de si. Jesus o fez porque provou ser Deus que se fez homem para nossa redenção.

## 3. A CONFIABILIDADE DOS EVANGELHOS CANONICOS

Evangelhos canônicos são aqueles que fazem parte da Bíblia cristã.

Atualmente a mídia destaca os chamados "evangelhos gnósticos" como fontes confiáveis de informações sobre Jesus Cristo. Afirmam que nos apresentam um Jesus mais humano. Assim, alguns jornalistas e roteiristas de documentários apresentam Jesus somente como mais um místico.

Afirmar que os evangelhos gnósticos enfatizam a humanidade de Cristo consiste em erro grosseiro, resultante de falta de método científico, ou mesmo de má intenção. Na realidade eles apresentam um falso Jesus de natureza totalmente espiritual, pois os gnósticos acreditavam que todo o mal reside na matéria. Uma de suas premissas básicas era esse dualismo radical entre espírito e matéria <sup>2</sup>. Os chamados evangelhos gnósticos foram escritos no século III <sup>3</sup>. Sendo temporalmente tão distantes de Jesus Cristo, não fornecem informações confiáveis a respeito dele <sup>4</sup>.

Após exaustivos estudos e discussões acadêmicas, a maioria dos eruditos da área bíblica, tais como F. F. Bruce, concluíram que os Evangelhos canônicos são os

---

<sup>2</sup> HAGGLUND, Bengt. **História da Teologia**. Trad. M. L. Rehfeldt e G. K. Rehfeldt. Porto Alegre: Editora Concórdia, 1981. p. 29-31

<sup>3</sup> MORALDI, Luigi. **Os Evangelhos Apócrifos**. Trad. B. Lemos e P. C. Bastianetto. São Paulo: Paulus, 1999. p. 31.

<sup>4</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. **Porque não aceitamos os evangelhos apócrifos**. In Fides Reformata XVII. São Paulo: Universidade Mackenzie, 2012.

únicos documentos historicamente confiáveis a respeito de Cristo. Prevaleram evidências tais como a proximidade destes escritos com os fatos relatados. Há evidências de que os Evangelhos foram redigidos antes do final século I dC. Além disto, os autores de três deles foram testemunhas oculares do ministério de Jesus. Lucas, embora não o fosse, escreveu com base em relatos de testemunhas oculares e buscando rigor histórico para sua narrativa (Lucas 1:1-2). Os Evangelhos também citam fatos e costumes que são confirmados pela história, como por exemplo, o domínio do imperador César Augusto, alguns protocolos dos dominadores romanos, e o anseio judaico por um messias libertador. Tais citações criam um vínculo profundo entre os Evangelhos e a história.

Parte substancial dos Evangelhos consiste na narrativa dos milagres de Jesus, sendo isto a principal causa de céticos colocarem em dúvida e veracidade da narrativa dos Evangelhos. Já apresentamos algumas das evidências de que os Evangelhos canônicos são fontes confiáveis sobre Jesus. E quanto à ressurreição de Cristo, que foi o maior milagre relatado nos evangelhos canônicos, F. F. Bruce aponta as seguintes evidências a seu favor:

"(a) o túmulo estava realmente vazio; (b) o Senhor apareceu a várias pessoas e grupos de discípulos na Judéia assim como na Galileia; (c) as autoridades judaicas não foram capazes de provar como destituída de fundamento a afirmação dos discípulos de que Ele ressuscitara dos mortos."<sup>5</sup>

Acrescentamos às evidências o fato de que os escritores dos Evangelhos foram mortos justamente pelo seu testemunho dos fatos que narraram, incluindo os milagres e a ressurreição de Jesus. Diante das ameaças, nenhum deles negou seu testemunho. Ninguém ousa morrer por mentiras. Aqueles homens e suas fontes foram profundamente impactados pelo que viram Cristo fazer e o ouviram ensinar (Atos 4:20). Suas consciências os levaram a enfrentar a morte em defesa da verdade.

## Conclusão

A rejeição dos milagres de Cristo é resultado principalmente de uma postura filosófica surgida no iluminismo e hoje intensamente questionada. Com o surgimento da física quântica sabe-se que há a possibilidade de nem sempre os fenômenos físicos comportarem-se segundo as leis da física clássica<sup>6</sup>. Assim o racionalismo empirista e mecanicista não pode ser tomado como base segura para todas as conclusões. "A predisposição contra os milagres sobrevive na teologia

---

<sup>5</sup> BRUCE, F. F. **Merece Confiança o Novo Testamento?** 3. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2010. p. 85.

<sup>6</sup> CRAIG, William Lane. **A veracidade da fé cristã: uma apologética contemporânea.** São Paulo: Edições Vida Nova, 2004. p. 138

apenas como uma ressaca de uma era deísta antiga e, a esta altura, deveria ser abandonada de uma vez por todas.”<sup>7</sup>

Individualmente, a rejeição dos milagres de Cristo pode significar uma rejeição à própria pessoa de Cristo, não por motivos racionais, mas por motivos morais. Aceitar a pessoa de Cristo implica também em crer no juízo de Deus e na sua graça manifestada em Cristo para aqueles que se arrependem de seus pecados. Portanto, implica em uma profunda e total mudança de atitude, abrindo mão do pecado para submeter-se ao domínio de Cristo. Significa também renunciar a uma autoimagem de perfeição moral e autossuficiência para descobrir-se diante de Deus como completo indigente espiritual, totalmente dependente de seu perdão gracioso. Sendo a incredulidade muito mais de ordem moral do que racional, por mais evidências que sejam apresentadas, se o indivíduo assim o decidir, não crerá.

Se há honestidade intelectual, há que se considerar seriamente a veracidade dos milagres de Cristo. Se há sinceridade moral, o indivíduo pode ir mais além, dando o passo da fé e permitindo que Jesus faça o maior milagre de todos em sua própria vida, que é a sua transformação interior, conformando-o à vontade de Deus e dando-lhe plena certeza de vida eterna.

### **Para você saber mais:**

CRAIG, William Lane. **A veracidade da fé cristã**: uma apologética contemporânea. Tradução: Hans Udo Fuchs. São Paulo: Edições Vida Nova, 2004.

BRUCE, F. F. **Merece Confiança o Novo Testamento?** 3. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2010.

HEREN, Fred. **Mostre-me Deus**: o que a mensagem do espaço nos diz a respeito de Deus. Tradução Soraya Bausells. São Paulo: Clio Editora, 2008.

---

<sup>7</sup> Opus cit. p. 151